

ÁLVARO MAGALHÃES

O ÚLTIMO
GRIMM

EDIÇÕES
ASA

© 2007, Álvaro Magalhães (texto)

© 2007, Pedro Pires (capa e ilustrações)

© 2007, ASA Editores, S.A. – Portugal

1.ª edição: Junho de 2007
Depósito legal n.º 253214/07
ISBN 978-972-41-5078-9

Reservados todos os direitos

ASA Editores, S.A.

SEDE

Av. da Boavista, 3265 – Sala 4.1
Telef.: 22 6166030 • Fax: 22 6155346
Apartado 1035 / 4101-001 PORTO
PORTUGAL

E-mail: edicoes@asa.pt
Internet: www.asa.pt

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Av. Eng. Duarte Pacheco, 19 – 1.º
Telef.: 21 3802110 • Fax: 21 3802115
1070-100 LISBOA
PORTUGAL

ÍNDICE

1ª PARTE

AQUELE QUE VÊ	9
1. Um tesouro sob uma pedra azul	11
2. Visões de uma noite de Verão	17
3. Toda a verdade sobre tesouros, espíritos, fadas e duendes	23
4. Bem-aventurados os limpos de coração	31
5. A rapariga que lia	39
6. Aquele que vê	45
7. Umas cervejas a mais	53
8. Três coisas estranhas depois do almoço	61
9. Para onde vai o nosso tempo	67
10. O outro lado é sempre o outro lado	73
11. Ser ou não ser Grimm	79
12. O segredo	87
13. O Primeiro Antes do Primeiro	93
14. A caixa enterrada	101
15. A Fada-do-Ar	109
16. O mensageiro	115
17. O Resolvedor-de-Problemas	125
18. O poder das histórias	133
19. Uma palavra e um número	141
20. A terceira chave	149
21. A Fábrica de Nada	157
22. O Clube dos Amigos das Criaturas	165
23. Um jantar do outro mundo	171
24. Resolvendo problemas	179
25. O Primeiro Conto de Fadas	187
26. O abismo	193
27. Um salto no escuro	199

2ª PARTE

O OUTRO LADO	207
28. O Povo das Histórias	209
29. O gato e o corvo	217
30. A Floresta dos Quatro Ventos	225
31. O Urso Puff	233
32. Uma dor cor-de-rosa	241
33. Estou certo ou estou certo?	249
34. No Reino da Rosa	257
35. Espantástico!	265
36. Já alguma vez caminhaste num mundo de trevas?	273
37. Um rapaz, um duende e uma luz esverdeada	281
38. O Escuro	289
39. O Pântano da Tristeza	295
40. A Princesa Diotima	303
41. A Criança Terrível	309
42. O rapaz invisível	317
43. Voa, corvo, voa!	325
EPÍLOGO	333
44. O Parque Grimm	335
45. Vai um bolinho de tempo?	343
46. Como nos livros	349
47. Os melhores contos dos irmãos Zimmer	357

O imaginário é aquilo que tende a tornar-se real.

André Breton

1ª PARTE
AQUELE QUE VÊ



1

UM TESOURO SOB UMA PEDRA AZUL

Eram quase onze horas da noite quando o carro conduzido por Elisabeth Zimmer atravessou a rua principal da pacata vila de Lugfield, algures no condado de Devon, Sudoeste da Inglaterra.

Já não havia gente nas ruas mal iluminadas e ela abriu mais o vidro do carro para deixar entrar o ar. Depois, suspirou profundamente, reconfortada, como sempre acontecia quando voltava à terra e à casa onde nascera e passara a infância e a juventude.

Com ela vinham os dois filhos, William, de catorze anos, e Peter, um ano mais novo, que dormitavam amparados um ao outro no banco de trás. Uma lufada de ar fresco bateu na cara de Peter, que abriu os olhos e ergueu um pouco a cabeça.

– Chegámos? – perguntou ele, aliviado. – Até que enfim!

Aquela viagem, desde o centro de Londres, onde viviam, tinha sido penosa, com um furo e duas avarias. Além disso, ele detestava aquele mês de férias que sempre passavam na Quinta da Pedra Azul, nos arredores da vila.

William também abriu os olhos e levantou a cabeça, e viu o jardim da praça principal com o seu grande duende de bronze no centro do lago. E, tal como a mãe, sentiu-se em casa.

Eram parecidos, aqueles dois, e como só havia um ano de diferença entre eles, não faltava quem os confundisse com gémeos. Também porque eram inseparáveis: “Os dois somos um”, era a sua divisa. Mas entre eles havia também um mar de diferenças e, nesse Verão que despontava, iriam descobrir a maior de todas elas.

O carro atravessou a Ponte Cutter, chegou à estrada alcatroada para Tavistock e Elisabeth Zimmer começou a assobiar uma canção da sua infância. A certa altura, porém, calou-se de repente, travou o carro e encostou-o à berma.

– Outro furo? – perguntou William.

– Não. Está tudo bem. Volto já – respondeu a mãe, a sair do carro.

Estava uma noite clara e temperada, própria dos primeiros dias de Agosto. O céu era como um lençol negro com pontinhos bordados e um buraco no meio: a Lua.

Os rapazes espreitaram pela janela e viram a mãe na berma da estrada, entre as moitas de urze.

– O que está ela a fazer? – perguntou Peter. – Está dobrada sobre um monte de pedras.

Ela voltou pouco depois com uma pequena pedra na mão. Pousou-a cuidadosamente no banco vazio ao lado dela. Parecia uma pedra igual às outras, mas quando a luz da Lua lhe bateu, eles puderam ver o seu suave brilho azulado.

Eram pedras relativamente raras, aquelas, mas quem via-
jasse pela região sempre encontrava uma ou outra se olhasse com atenção.

– À noite, a Lua dá-lhes este tom azulado – explicou a mãe.
– É uma pedra da sorte.

– Outra? Já há tantas na quinta... – resmungou Peter, com o seu ar mais carrancudo.

– Ensinaam-me a levá-las para casa sempre que as encontrasse – prosseguiu a mãe. – E hoje não queria chegar lá sem uma. Acho que, desta vez, preciso de sorte. Querem saber a história das pedras azuladas da quinta?

– Agora não – suplicou Peter.

– Conta, mãe – pediu William.

A mãe acariciou a pedra com a palma da mão e pôs o carro em movimento.

– O Carl Zimmer, nosso antepassado, comprou o terreno da quinta e construiu a casa por volta de 1800. Dizem que encontrou um diamante do tamanho de uma romã durante as escavações dos alicerces e o enterrou depois na terra e pôs uma daquelas pedras por cima para marcar o sítio. Dizia à família que era uma pedra da sorte que protegia a casa e as pessoas que lá viviam, desde que não desenterrassem o tesouro que ela guardava. A menos, claro, que houvesse uma desgraça ou estivessem em grandes dificuldades.

– E desenterraram-no? – perguntou William.

– Não se sabe. Já viveu e morreu ali tanta gente – respondeu a mãe. – E algumas vezes estiveram em dificuldades, isso sabe-se. Talvez o tenham encontrado.

– Não me parece – disse William, interessado em manter o mistério. – Sempre houve lá muitas pedras azuis, ou a quinta não se chamava assim. E cada vez há mais. Como podiam eles saber qual era a pedra que guardava o diamante do tamanho de uma romã?

– Bastava levantar todas – disse Peter, interessado em exterminar de vez o mistério.

– Seja como for, ficou a história – concluiu a mãe. – Todas as casas têm as suas. São contadas tantas vezes que também elas vão mudando. Este conta àquele e tira uma coisa e acrescenta outra, aquele conta a outro e tira outra coisa e acrescenta mais uma. Às tantas, já não se sabe onde está a verdade. Mas ela continua lá, escondida.

– Como o tesouro... – murmurou William.

O carro saiu da estrada e tomou o caminho de terra batida que levava à quinta. Preston, o caseiro, veio abrir o portão de ferro e o carro avançou até se deter suavemente à porta da grande casa amarela e branca.

– Cá estamos nós! – anunciou Elisabeth Zimmer, depois de engolir uma boa golfada de ar.

Quando saíram do carro, ela ficou de pé diante da casa, enquanto segurava a pedra azulada com as duas mãos. E a casa, subitamente iluminada, olhou para ela e pareceu sorrir. Preston abriu a porta principal e também se abriu uma janela no primeiro andar, e atrás dela apareceu Alicia, a mulher de Preston, a acenar com os dois braços.

William ajudou a mãe a procurar um bom sítio para pou-sar a pedra da sorte, perto da casa. Ele gostava tanto das férias na quinta como a mãe. Ou mais. E, desta vez, sentia que ia ao encontro de um destino extraordinário. Logo, também iria precisar de alguma sorte.

Peter foi o primeiro a entrar na casa, mas estancou de repente quando deparou com o retrato do Primeiro Zimmer, que eles tratavam apenas por Primeiro, e que parecia interrogar cada pessoa que cruzasse a porta.

Lá estava ele, com o seu bigode torcido, um alemão que estava ali de passagem e se apaixonou por uma inglesa, Dorothy, e jurou construir uma casa no sítio em que se conheceram. Alicia, a empregada, dizia que em certas noites de tempestade ele ainda percorria os corredores da casa, enfurecido, enquanto noutras, mais calmas e afáveis, como aquela, tomava chá de laranjeira enquanto Dorothy tocava piano. E o Peter, pelo menos ele, acreditava nisso.

William veio a correr, empurrou o irmão para diante e cumprimentou o retrato, enquanto lhe piscava um olho.

– Olá, “tio” Zimmer! Tudo bem? Chegámos.

William tinha uma relação cordial com o retrato do Primeiro, Peter nem por isso. Aquela casa assustava-o, com o tamanho dos seus mistérios, e o Primeiro estava no centro de todos esses mistérios.

– Posso dormir no teu quarto? – perguntou ele ao irmão.

– Nem penses – respondeu William. – A mãe já disse que é um quarto para cada um.

– E a divisa?

– Qual divisa?

– A nossa: os dois somos um.

– Não se aplica a isso.

Levaram as malas para os quartos e encontraram-se pouco depois no alpendre das traseiras, onde Alicia serviu uma ceia: sopa de tomate com ovo, um empadão de carne e espinafres, queijos e enchidos.

– Lá se vai a minha dieta – queixou-se Elisabeth.

Peter aproveitou para os lamentos do costume. Não percebia porque tinham eles de passar mais de um mês longe da civilização, como ele dizia. Para ele, era como se regressassem à Idade da Pedra. Ou, mais exactamente, à Idade da Pedra Azul.

Porém, ninguém lhe dava importância. Toda a gente sabia que ele ficava sempre assim nos primeiros dias. Só falava para se queixar ou quando lhe faziam perguntas. Depois passava-lhe.

– Mãe – murmurou ele a medo –, tens a certeza de que o quarto onde eu vou dormir não era o quarto do Primeiro?

A mãe fez um gesto de enfado.

– Não! Já te disse que não. O quarto dele foi fechado e nunca mais foi usado. Todos os anos te digo isto. E, já agora, ouve também o resto: não há almas, espíritos ou fantasmas, o que há são histórias de almas, espíritos e fantasmas. Ouviste?

Completamente alheio a tudo isto, William subiu pelo tronco de uma romãzeira e sentou-se num dos ramos mais baixos. Via já a sua sombra a galopar à sua frente na charneca, entre pedras e moitas de urze, e via-se a colher maçãs verdes, pêssegos e ameixas, ou a apanhar peixes no lago, ou a tomar banho no tanque nas tardes em que o Sol fazia ferver as pedras.

O ar estava limpo e a Lua fazia brilhar as pedras azuladas, que pareciam peixes de prata num mar nocturno. Era por isso que também lhes chamavam “pedras da Lua”.

Um silêncio vagaroso acariciou William, que respirou profundamente pelo nariz, disposto a sorver de uma vez todos os aromas da quinta. E então sentiu que ali em volta, no escuro que rodeava a quinta, e também lá dentro, na claridade parda da casa, se estava a tecer uma história; e ele, William Zimmer Wood, estaria no centro dessa história. Tinha sentido isso quando passaram o portão da quinta, à chegada, e agora que estava ali, em cima de uma romãzeira em flor numa bela noite de Verão, apenas esperava que as coisas começassem a acontecer.

– Sai daí de cima – gritou a mãe. – Já caíste uma vez.

Ele sorriu, mas procurou um galho mais largo. E foi então que viu, junto à velha fonte de pedra, algo que o fez estremecer.

Seria possível?

Piscou os olhos três vezes e aquilo continuava lá. Mas o que era aquilo?